



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

INSTITUTO DE LETRAS – IL

DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS – TEL

DAIANE MARIA PEREIRA DA SILVA

**REPRESENTAÇÃO DAS MENINAS (INFÂNCIA E GÊNERO) EM A
BOLSA AMARELA DE LYGIA BOJUNGA**

BRASÍLIA – DF

2023

DAIANE MARIA PEREIRA DA SILVA

**REPRESENTAÇÃO DAS MENINAS (INFÂNCIA E GÊNERO) EM A
BOLSA AMARELA DE LYGIA BOJUNGA**

Monografia em Literatura apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia da Silva

BRASÍLIA – DF

2023

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir e analisar a representação feminina e infantil que está presente no livro *A Bolsa Amarela* publicado em 1976 pela escritora brasileira Lygia Bojunga Nunes, através de uma análise baseada nos estudos da infância e de gênero. Os estudos que orientam este trabalho estão apoiados nos aportes teóricos “Como um romance” de Daniel Pennac (1993) que discute a importância do incentivo à leitura; “História Social da Criança e da Família” de Philippe Ariès (1981) que é um estudo sobre a vida social da criança da idade média até a modernidade; “Crítica, teoria e literatura infantil” de Peter Hunt (2010) que aborda a notabilidade da literatura infanto-juvenil. A elaboração deste trabalho nos concebeu uma nova visão para a literatura infanto-juvenil que é muitas vezes julgada erroneamente como irrelevante, como também, a compreensão da importância das narrativas e do protagonismo infantil nos livros, principalmente, o protagonismo feminino.

Palavras-chave: *A Bolsa Amarela*; Lygia Bojunga Nunes; Gênero; Infância; Representação; Literatura infanto-juvenil.

ABSTRATC

This work aims to discuss and analyze the female and child representation that is present in the book *A Bolsa Amarela* published in 1976 by the Brazilian writer Lygia Bojunga Nunes, through an analysis based on childhood and gender studies. The studies that guide this work are based on the theoretical contributions “Like a novel” by Daniel Pennac (1993) which discusses the importance of encouraging reading; “Social History of the Child and the Family” by Philippe Aries (1981) which is a study on the social life of children from the Middle Ages to modern times; “Criticism, theory and children's literature” by Peter Hunt (2010) which addresses the notability of children's literature. The elaboration of this work gave us a new vision for children's literature that is often mistakenly judged as irrelevant, as well as the understanding of the importance of narratives and children's protagonism in books, mainly, the female protagonism.

Keywords: *A Bolsa Amarela*; Lygia Bojunga Nunes; Gender; Infancy; Representation; Children's Literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. MINHA HISTÓRIA DE LEITURAS	7
2. A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO CONCEITO INFÂNCIA E A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL.....	11
3. A REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA EM A BOLSA AMARELA.....	15
4. A REPRESENTAÇÃO DAS MENINAS EM A BOLSA AMARELA	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25

INTRODUÇÃO

Mimeses é um termo de origem grega e significa a faculdade do homem de imitar, de reproduzir, com isso, a teoria da mimese na Arte define as obras que são produzidas pelo homem em que a ação do homem e a interpretação da natureza são imitadas, são representadas. Tendo isso em vista, o objetivo da minha pesquisa é relacionar a literatura, o livro *A Bolsa Amarela*, com a realidade, pois, o livro traz uma grande representação feminina e infantil, e para complementar a pesquisa utilizei como metodologia os livros, *A Bolsa Amarela* (1993) da autora Lygia Bojunga como base; “Como um romance” de Daniel Pennac (1993) que discute a importância do incentivo à leitura; “História Social da Criança e da Família” de Philippe Áries (1981) que é um estudo sobre a vida social da criança da idade média até a modernidade; “Crítica, teoria e literatura infantil” de Peter Hunt (2010) que aborda a notabilidade da literatura infantojuvenil.

Com isso, começo a minha pesquisa apresentando o meu histórico de leituras, que apresenta o meu primeiro contato com os livros e também com o livro base dessa pesquisa que é *A Bolsa Amarela*, mostrando como o livro foi importante para mim e o porquê de ter sido escolhido como base para essa pesquisa.

No segundo momento, podemos ver a construção social do conceito infância e como esse termo foi mudando durante muitos anos, a infância nem sempre foi essa que vemos agora, as crianças eram vistas como mini adultos, porém, isso foi sendo alterado até chegar no momento atual. Contudo, há algumas coisas que ainda não foram alteradas, como o fato da literatura infantil ser considerada menos literatura que as outras, só porque o seu público-alvo são as crianças.

Já no outro capítulo, há a ideia chave desta monografia, que é a explicação, de forma detalhada e com vários exemplos, da representação da infância existente no livro *A Bolsa Amarela*.

Com isso, no capítulo seguinte temos a representação das meninas, em questão de gênero, existente no livro, contendo uma reflexão de como as crianças/ meninas enxergam a nossa sociedade patriarcal.

1. MINHA HISTÓRIA DE LEITURAS

Meu nome é Daiane Silva, tenho 23 anos, sou uma mulher cisgênero e estou cursando licenciatura em letras- português.

Vejo uma polêmica crescente em torno do que é ser um leitor, muitos consideram que para ser um leitor de verdade é necessário gostar de ler apenas clássicos, porém, vejo de outra forma. Para mim, leitor é aquele que lê e tira proveito do que leu, não importa se é um livro clássico, um livro de ficção ou um livro de autoajuda, toda leitura é útil pois pode haver vários significados para o leitor e isso vai além do gênero literário.

Considero leitor aquele lê e aproveita a leitura e quando digo “aproveitar a leitura” é em um sentido bem amplo, por exemplo: eu leio um livro e aproveito essa leitura, simplesmente para me distrair de alguns problemas; eu leio um livro para conseguir resolver alguns problemas relacionados a casamento; ou até mesmo eu leio para passar o tempo; tudo isso, para mim, te torna um leitor. Não acho que apenas um gênero literário defina se você é leitor ou não, as pessoas são diferentes e possuem opiniões e preferências diferentes, portanto, não creio que se deve julgar dessa maneira. Sei a importância dos clássicos, todavia, não é porque você não os lê e gosta de outros gêneros literários que te torna menos leitor. Toda leitura é válida independente do gênero literário. Portanto, um leitor é aquele que lê, é aquele que mergulha no mar de palavras dos livros

Me considero uma leitora e sei que isso vai além de quantos livros já li ou de quantos livros eu leio por mês ou ano, o ato de ler exige uma mente aberta para a imaginação, como diz Daniel Pennac em seu livro Como um Romance “A leitura é um ato de criação permanente”, ou seja, exige mais do que você simplesmente abrir um livro e ler aquelas palavras, é necessário prestar atenção no cenário que é criado com aquelas palavras, se não prestar atenção poderá ler o mesmo capítulo várias vezes e ele não fará sentido.

Ser leitor é imaginar, é criar cenários, é se entregar ao mundo que está sendo apresentado naquele livro. E todas essas características não estão ligadas a quantidade ou gêneros literários, com isso, considero a leitura extremamente

importante e deve ser estimulada e no momento em que falamos que leitor é aquele que ler livros clássicos, faz com que as pessoas fiquem com medo da leitura, pois, já imaginam um vocabulário difícil, distinto do que ela está acostumada, e acaba afastando as pessoas dos livros e não é isso que queremos. Ser um leitor é gostar dos livros e gostar de ler.

Quando eu era criança não via meus pais lendo, pois, não tiveram a oportunidade de aprender a ler, mas, minha irmã lia algumas fábulas para mim, era uma maneira de me incentivar a ler. A primeira lembrança que vem à minha mente quando se fala de leitura foi quando tive, pela primeira vez, vontade de ler um livro. Estava tendo um bazar beneficente perto da minha casa e eu fui com a minha mãe, eu tinha 10 anos, nunca tinha me interessado para ler algum livro, a não ser os livros obrigatórios da escola. Foi quando eu o vi, jogado em uma caixa cheia de outros livros e CD's, *A Bolsa amarela* de Lygia Bojunga, não me recordo do porquê aquele livro, no meio de tantos outros, me chamou atenção. Lembro do entusiasmo ao comprar o livro e levá-lo para casa, ao ler aquelas páginas e me sentir inteiramente ligada a personagem principal Raquel, as vontades da personagem eram exatamente as minhas, até porque sou a filha do meio, tenho 4 irmãos, sendo 3 meninos e 1 menina, e sempre me senti como a personagem, limitada, sem liberdade para fazer as coisas ou até mesmo sem liberdade para escolher minha futura profissão, com os desejos oprimidos e isso acontecia exclusivamente porque era uma menina e porque era uma criança.

Há uma cena que eu considero muito importante no livro, quando Raquel vai à casa de consertos e lá a personagem se depara com outra realidade, em que todas as pessoas da família faziam um pouco de cada coisa, a menina consertava, o velho estudava, a mãe soldava e o pai cozinhava e essa situação choca Raquel, ela fica sem entender e faz várias perguntas para Lorelai e aos poucos ela vai entendendo a situação, e percebe que ela pode ter opinião, mesmo sendo uma criança, e pode fazer o que quiser, mesmo sendo uma mulher, e isso abre outras portas para a personagem, ela não precisava ser adulta e nem ser um menino/homem para ter opinião e vontades e a partir disso, também comecei a pensar dessa maneira. O mundo vai além daquilo que temos em casa e aos poucos vamos vendo isso e percebendo que podemos ser o que quisermos. O final do livro é reconfortante e me

fez querer ler outros livros, foi esse livro que acendeu a chama da minha paixão pelos livros, sou grata.

Após reler esse livro agora, ainda me sinto ligada a personagem e entendo por que o amei tanto, me senti muito bem representada por Raquel e sem dúvidas, ainda é um dos meus livros preferidos

A sensação de terminar de ler meu primeiro livro foi indescritível, procurei outros livros para ler, porém, na biblioteca da escola tinham poucas opções e acabei perdendo novamente o interesse, e foi quando mudei de escola que meus interesses voltaram.

Então com 13 anos li meu segundo livro que foi *Fala sério, amiga!* Da autora Thalita Rebouças, gostei tanto que resolvi ler os outros livros dessa série, lembro que me deleitava com os livros, com uma linguagem extremamente acessível e que nos prendia na leitura. E a partir daí cada semana eu lia um livro, gostava muito do autor John Green que fez bastante sucesso na época com o romance *A culpa é das estrelas*, foi maravilhoso, porque o enredo do livro nos faz acompanhar o desenvolvimento de cada personagem, e também do romance, e isso nos leva até o fim trágico, e dessa forma, nós sofremos com a personagem após perder o seu amor, isso porque o enredo faz com que acompanhemos tudo de perto.

Com isso, comecei a me interessar por livros com esse tom de tristeza e então li *Se eu ficar* de Gayle Forman, e esse foi o primeiro livro que eu li em um dia, simplesmente deixei todas as minhas obrigações e fui ler, o livro me prendeu pois, a história acompanha Mia Hall que está em coma após um acidente de carro e ela precisa decidir se quer lutar para continuar viva ou não, e a partir disso o enredo do livro faz com que a gente a acompanhe por todas as consequências e perdas que ela terá que enfrentar em qualquer decisão que tomar. E isso fez com que eu deixasse tudo de lado para lê-lo, estamos juntos com a personagem e necessitamos de uma resposta. Essa narrativa faz com que a gente queira ler sempre um pouquinho mais até finalmente terminá-lo, foi bem legal, uma sensação única. Foi quando eu percebi que estava apaixonada pelos livros, que eles já faziam parte da minha vida.

Durante a minha adolescência, eu lia muito, porém, nunca me interessei em ler os clássicos. Os livros que a professora de literatura passava para a gente ler pareciam

não fazer o menor sentido, eu me esforçava para ler, no entanto, pareciam estar escritos em uma outra língua.

Entretanto, li alguns clássicos como *Dom Casmurro*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* do autor Machado de Assis, mas, a leitura não era a mesma, acho que a obrigatoriedade acabava com a graça dos livros. Depois de algum tempo, eu os reli e percebi que não os tinha lido da forma correta, foi rápido, eles não foram apreciados, os cenários não foram imaginados, foram lidos apenas para conseguir responder às questões de uma prova, foram leituras que a única coisa que lembro de sentir era desespero por não estar conseguindo entender direito as histórias, mas, isso se dava por eu estar sendo obrigada a ler, tirava aquela paz de fugir das coisas da escola que os outros livros me traziam. É uma das poucas experiências ruins que eu tive com a leitura.

Um dos poucos livros clássicos que li e gostei, durante a minha adolescência, foi *Os Sofrimentos do jovem Werther* do autor Goethe, acho que o livro se encaixou bem no que eu estava procurando na época, romances trágicos e semelhante ao que sentimos na adolescência, o sentimentalismo exagerado, a idealização do amor e até mesmo esse tom depressivo que vemos no jovem Werther faz com que nos aproximemos do personagem e creio que por isso me identifiquei tanto com o romance naquele período.

O livro é lindo e me fez perceber que eu estava perdendo livros realmente interessantes, só porque eram obrigatórios eu me recusava a ler com entusiasmo, mas, Werther chegou e mudou totalmente esse meu conceito. O livro me cativou de tantas formas, as descrições, as falas, os cenários, foi como se o livro tirasse todos os pré-conceitos que eu tinha sobre os clássicos. O medo de não conseguir compreender, tive um pouco de dificuldade com a linguagem, porém, estava tão eufórica com o livro que isso não foi um problema. foi maravilhoso ler um livro dessa magnitude, é sem dúvidas, até hoje, um dos meus livros favoritos e também, sempre será o livro que mudou os meus conceitos e a minha forma de enxergar os livros clássicos. É sempre prazeroso relê-lo, são sempre sentimentos diferentes e únicos, simplesmente inexplicável a sensação que esse livro me traz.

2. A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO CONCEITO INFÂNCIA E A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL

A infância é uma fase da vida extremamente importante, pois, é um período de desenvolvimento, que vai do nascimento até os 12 anos. Porém, essa definição é mais recente, na idade média a infância não existia, cuidava-se da criança até a fase da amamentação, após isso, ela se juntava aos adultos para trabalhar, imitando seus movimentos.

Portanto, a infância era vista como um período de inexperiência, as crianças eram tratadas como pessoas adultas. O que diferenciava a criança de um adulto era justamente isso, a inexperiência e o tamanho, como Philippe Ariès pontua em seu livro História social da criança e da família: “A criança era, portanto, diferente do homem, mas apenas no tamanho e na força, enquanto as outras características permaneciam iguais” (ARIÈS, 1981, p.14), com isso, a fase que definimos hoje como infância, a mais rica etapa para o aprendizado, antigamente era definida como uma fase de inabilidade e dependência.

As crianças eram vistas como mini adultos, não havia a mesma distinção que há hoje, as roupas eram as mesmas e as obrigações do dia a dia também, tanto que podemos observar que nas pinturas, as crianças eram representadas como adultos em miniatura.

Com isso, podemos perceber que dessa forma a criança vivia no total anonimato, e só foi se modificando com o passar dos séculos XV, XVI e XVII, agora, as crianças tinham esse “intervalo” antes de adentrarem na vida adulta e isso ocorreu com a inserção das crianças nas escolas, como Áries pontua:

Trata-se um sentimento inteiramente novo: os pais se interessavam pelos estudos dos seus filhos e os acompanhavam com solicitude habitual nos séculos XIX e XX, mas outrora desconhecida. (...) A família começou a se organizar em torno da criança e a lhe dar uma tal importância que a criança saiu de seu antigo anonimato, que se tornou impossível perdê-la ou substituí-la sem uma enorme dor, que ela não pôde mais ser reproduzida muitas vezes, e que se tornou necessário limitar seu número para melhor cuidar dela (ÁRIES,1981, p.12).

Na pintura, essa mudança também é vista, as crianças são representadas por anjos, ou seja, saem do total anonimato, como mini adultos inexperientes, para um destaque especial como pequenos anjos. As roupas dos meninos também tiveram uma mudança, já havia uma distinção entre adultos e crianças, e a cada fase que a criança ia passando suas vestimentas iam se modificando. O vestuário do indivíduo foi acompanhando essas mudanças.

É importante entendermos isso para que consigamos ver a evolução que a infância teve até chegar nos dias de hoje, em que se compreende que a infância é a fase em que várias experiências sejam elas boas ou ruins vão formando o caráter do sujeito e que possuem um grande impacto nessa fase, podendo afetar o desenvolvimento físico, mental e social do ser humano.

Porém, podemos perceber que mesmo com essa grande evolução, a criança é vista como um ser que não possui tanta credibilidade quanto um adulto, e isso pode ser visto na literatura infantil. Muitos consideram que ela seja “menos” literatura que as outras, como se não tivesse tanta importância. Ou seja, como o público-alvo da literatura infantil não é o adulto, ela acaba tendo menos destaque e sendo bastante criticada e isso ocorre, muitas vezes, por ter uma escrita mais prática, outro pressuposto é de que a literatura infantil é de alguma forma homogênea, fazendo com que muitos a considerem não intelectual, como Peter Hunter pontua em seu livro crítica, teoria e literatura infantil:

“[...] esses preconceitos resultaram na divisão do interesse nos textos entre abstrato e prático. O que, por sua vez, levou a um certo Anti-intelectualismo que, infelizmente, é quase sempre justificado.” (HUNT, 2010, p. 33)

Por essas e outras premissas, que muitos estudiosos consideram a literatura infantil como uma literatura dispensável ou até mesmo inútil. Porém, devemos lembrar que a criança está iniciando na literatura lendo esses livros, histórias e revistas infantis.

É certo que para muitos adultos os temas dessas literaturas são corriqueiros, porém, é a partir daí que vai se formando o senso crítico da criança. Também vale destacar que a literatura infantil colabora de diversas maneiras para a educação infantil, como por exemplo na linguagem escrita, e no desenvolvimento cultural.

Com isso, podemos perceber que evoluímos até o ponto de criar uma literatura especialmente dedicada para as crianças, todavia, essa literatura é vista como algo desimportante, sendo considerada menos intelectual pelo fato de ser dedicada para as crianças, como Hunter destaca no livro crítica, teoria e literatura infantil:

A dificuldade com a literatura infantil é que, devido a sua acessibilidade, devido à inexistência de “cânones” e porque os principais leitores não estão envolvidos em um jogo literário, há pouca margem para interpretações “padrão” (exceto, e em uma proporção cada vez menor, num contexto de provas escolares). As crianças (e a maioria de seus mentores) não têm tempo para a “resposta correta” imposta, embora elas sejam mais propensas a reconhecer que é com isso que estão lidando. (HUNT, 2010, p. 24)

Contudo, devemos lembrar que a literatura é uma escrita para crianças com temas que interessam às crianças. O foco dessa literatura é inserir a criança no campo literário, porém, muitos descartam essa literatura por ter uma visão adultista, colocando assim, as crianças no anonimato sendo que elas são o destaque dessa literatura. É como se a criança não tivesse relevância, levando em consideração apenas a opinião do adulto, e é justamente por isso que é importante a literatura infantil, pois em muitas histórias mostra a visão da criança em um mundo dominado por adultos, trazendo um destaque para o pensamento e os sentimentos das crianças.

Vale destacar também como o trabalho do autor e do estudante de literatura infantil é complicado, Peter Hunter destaca:

A literatura infantil (e seu estudo) atravessa todas as fronteiras genéricas já estabelecidas, históricas, acadêmicas e linguísticas; ela requer contribuição de outras disciplinas; é relevante para uma ampla classe de usuários, apresenta desafios singulares de interpretação e de produção. Implica necessariamente em aquisição da língua, censura, gênero e sexualidade, o que leva o debate mais para o domínio do afeto que para o da teoria. (HUNT, 2010, p. 32)

Há intelectuais que pensam que é fácil escrever e estudar literatura infantil, tanto é que vários escritores possuem trabalhos infantis e são simplesmente ignorados, como Charles Dickens, Virginia Woolf, James Joyce, Thomas Hardy etc. Seus trabalhos de literatura infantil geralmente não são mencionados, pois são

considerados inferiores comparados aos outros trabalhos. Porém, devemos lembrar que para escrever um livro infantil sua linguagem precisa ser prática, mas, há de ser perspicaz. Não é uma linguagem rebuscada que faz o texto ser bom e nem mesmo o estilo textual decidirá isso.

Há livros infantis que nos trazem essa visão de mundo, essa perspectiva que a criança tem, e isso é importante não só para a criança que se identifica com isso, como também para o adulto que não consegue enxergar uma criança como um ser pensante e a vê apenas como um indivíduo que deve obedecer, pois, não sabe como a vida funciona. Coloca-se a criança novamente naquele lugar de anonimato, que não sabe decidir o que quer. Tirando o protagonismo da criança, apagando-a da própria vida, fazendo com que se sinta inferior se comparada aos adultos.

3. A REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA EM A BOLSA AMARELA

O livro *A bolsa Amarela*, publicado em 1976 pela autora Lygia Bojunga nos traz justamente esse protagonismo infantil que muitas das vezes é apagado pelos adultos. A personagem principal é uma menina chamada Raquel, que é a irmã caçula de quatro irmãos, e ela é a narradora da história, trazendo assim, uma voz infantil, que é muito importante para a literatura infantil. Visto que dessa forma você dá voz para as crianças se expressarem, ou seja, representa o ponto de vista da criança.

Por mais que a autora do livro não seja uma criança, coloca-se essa narradora e protagonista criança, fazendo com que isso se aproxime da realidade vivenciada na infância. A linguagem usada no livro também nos aproxima dessa realidade, muitas vezes é simples e de fácil compreensão, porém, o livro é de 1976, sendo assim, há algumas palavras que nos causam dúvidas, já que eram formas de expressão daquela época.

Outra coisa que podemos destacar em *A bolsa Amarela* é a imaginação da protagonista que vai se misturando com a realidade do começo do livro até o final. O livro vai trabalhando com fantasioso, sem esquecer e sem dissociar da realidade, nos trazendo remotamente a infância que é a fase em que a imaginação se faz mais presente.

A infância é a fase em que se é necessário estimular essa imaginação, em razão de contribuir para o desenvolvimento infantil. Isso porque, a imaginação é a capacidade de inventar histórias, personagens, cenários mentais e resolver problemas de acordo com a sua maneira, sejam eles complexos ou corriqueiros, e as crianças fazem isso utilizando a fantasia e criatividade, conforme as suas experiências de vida.

Porém, no livro, a personagem Raquel é ridicularizada por ter imaginação. Após Raquel escrever um romance sobre um galo, os adultos, que são seus pais, irmãos e até o síndico do prédio, dão risada da história e da menina que chega a ser até questionada por sua irmã mais velha “"Como é que você pode pensar tanta besteira, hem, Raquel?"” (BOJUNGA, 1993). Contudo, é através dessa imaginação que a protagonista utiliza para escrever histórias, que ela consegue enfrentar e resolver problemas reais que a cercam

É uma grande representação da infância que encontramos no livro, a imaginação está ligada à infância, e muitas vezes é considerada como algo bobo, porém, é de extrema importância para o desenvolvimento infantil. É indispensável um livro como *A bolsa Amarela*, tendo em vista que o livro nos remete a várias coisas conectadas à infância, trazendo uma grande representação dessa fase, com a personagem Raquel e sua imaginação que a faz escrever romances e cartas.

A personagem Raquel escreve cartas, romances, inventa cenários e amigos. Vemos de forma frequente, como sua privacidade não é respeitada, apenas por ela ser uma criança. Os adultos mexem nas suas coisas e leem seus bilhetes e histórias sem permissão, é como se por ela ser criança não precisa ser respeitada e nem ter privacidade. E é por isso que uma das suas três vontades é crescer logo, pois, a menina sente que é desvalorizada por ser criança.

Vemos isso quando Raquel escreve uma carta para um dos seus amigos imaginários chamado André, e ela conta a sua situação atual no ambiente familiar em que ela não recebe atenção, e não consegue abertura para conversar com seus familiares e expor seus pensamentos e vontades, isso porque, eles já são adultos e ela é uma criança:

"Querido André

Quando eu nasci minhas duas irmãs e meu irmão já tinham mais de dez anos. Fico achando que é por isso que ninguém aqui em casa tem paciência comigo: todo o mundo já é bem grande há muito tempo, menos eu. Não sei quantas vezes eu ouvi minhas irmãs dizendo: "A Raquel nasceu de araque. A Raquel nasceu fora de hora. A Raquel nasceu quando a mamãe já não tinha mais condições de ter filho."

Tô sobrando, André. Já nasci sobrando. É ou não é? Um dia perguntei pra elas: "Por que é que a mamãe não tinha mais condições de ter filho?" Elas falaram que a minha mãe trabalhava demais, já tava cansada, e que também a gente não tinha dinheiro pra educar direito três filhos, quanto mais quatro.

Fiquei pensando: mas se ela não queria mais filho por que é que eu nasci? Pensei nisso demais, sabe? E acabei achando que a gente só devia nascer quando a mãe da gente quer ver a gente nascendo. Você não acha, não"?

Raquel.” (BOJUNGA, 1993, p. 11-12)

Raquel sente que é indesejada, se sente deslocada no próprio ambiente familiar e como não tem a atenção dos seus familiares, ela escreve cartas para os seus amigos imaginários contando sobre seus sentimentos e histórias.

Após escrever um romance sobre um galo, Raquel precisa sair e o deixa no quarto, sua família inteira lê e mostra para os vizinhos e assim que chega em casa, Raquel se depara com a seguinte cena:

“Quando eu voltei do cinema encontrei todo o mundo rindo da minha história. Era um tal de fazer piada de galo, de galinha, de galinheiro, que não acabava mais. E o pior é que eles não estavam rindo só da história: tavam rindo de mim também, e das coisas que eu pensava. Foi me dando uma raiva de ter largado o romance no quarto que, de repente, sem pensar no que eu estava fazendo, peguei meu romance e rasguei todinho.

Rasguei o galo chamado Rei, a família esquisita que ele tinha, rasguei o galinheiro inteiro, e tudo que tinha lá dentro. Resolvi que até o dia de ser grande não escrevia mais nada. Só dever de escola e olhe lá.” (BOJUNGA, 1993, p. 20-21)

Dá para sentir a frustração da protagonista, a forma como invadiram a sua privacidade, como expuseram sua história ao ridículo, a fez sentir-se menor ainda. E por conta dessa frustração ela acaba rasgando o romance e resolvendo não escrever mais.

Os adultos a quem ela devia confiar a expõe e fazem piadas com sua história, é como se Raquel não tivesse sentimentos e nem frustrações, ela não é levada a sério porque ela é apenas uma criança. É por isso que as vontades dela de crescer depressa e de escrever, para ser ouvida, para ser levada a sério, só aumentavam. Esse evento mostrou para Raquel que ela não pode mais confiar nas pessoas de sua família e então resolve procurar um lugar para esconder suas vontades, histórias e cartas, isso porque ela não quer mais que as pessoas leiam o que ela escreve, pois, irão rir dela novamente, a personagem sente que os adultos não a entendem, e para isso não acontecer de novo ela precisa achar um esconderijo:

“Se o pessoal vê as minhas três vontades engordando desse jeito e crescendo que nem balão, eles vão rir, aposto. Eles não entendem essas coisas, acham que é infantil, não levam a sério.

Eu tenho que achar depressa um lugar pra esconder as três: se tem coisa que eu não quero mais é ver gente grande rindo de mim.”
(BOJUNGA, 1993, p. 22)

Após a família de Raquel receber um pacote da tia Brunilda, com várias roupas e acessórios, Raquel percebe uma bolsa amarela e resolve pegar para ela, já que nenhuma de suas irmãs e mãe tinham se interessado pela bolsa, deixaram Raquel ficar com ela. Com isso, ela guardava ali várias coisas, como as histórias, as vontades de crescer, de escrever e de ser menino, os nomes que ela vinha juntando, e o alfinete que tinha achado na rua. A bolsa amarela era onde ela escondia suas coisas, como se fosse um baú secreto.

No romance escrito por Raquel, do Galo chamado Rei, o personagem queria liberdade para escolher o que quisesse, e não aquilo que determinaram para ele, assim como Raquel. Ela projeta no Galo chamado Rei a sua vontade de liberdade, de ser o que quiser, de escolher o que desse vontade e não o que os outros (adultos) a submeteram a escolher. O galo chamado Rei resolve fugir do galinheiro e aparece na casa de Raquel querendo morar na bolsa amarela enquanto pensa para onde irá e o que vai fazer, e ela concorda, ele então entra na bolsa, e resolve escolher um nome para si, pegando no bolso sanfona o nome Afonso, Raquel fica um pouco chateada, porque foi ela que tinha escolhido o nome Galo Rei, porém, entende a situação e concorda.

Uma coisa que chama a atenção durante a narrativa é a forma como os adultos falam e tratam a Raquel quando estão na casa da Tia Brunilda:

“Desabei numa poltrona. A tia Brunilda disse logo:

- Vem cá, Raquelzinha. Senta aqui nessa cadeirinha.
- Essa poltrona é tão gostosa, tia Brunilda.
- Aqui você fica muito mais engraçadinha. Vem.

Todo o mundo me olhou. Não tive remédio, fui. Botei a bolsa amarela atrás da cadeira pra ver se ninguém prestava atenção nela.

- Você tá ficando uma mocinha, hem?

- Quer um amendoinzinho?

- O que é que você arrumou aí no narizinho?

Eu ia respondendo e pensando: será que eles acham que falando comigo do mesmo jeito que eles falam um com o outro eu não vou entender? por que será que eles botam inho em tudo e falam com essa voz meio bobalhona, voz de criancinha que nem eles dizem?”
(BOJUNGA, 1993, p. 64)

A forma como a infantilizam falando tudo no diminutivo faz com que a criança se sinta boba, e não apenas isso, fazem Raquel cantar e dançar mesmo ela falando que não queria. Os adultos não respeitam as vontades das crianças, os obrigam a fazer coisas que eles não queriam para o próprio entretenimento e é o que ocorre com Raquel, nem na poltrona que ela queria sentar deixaram, porque ela ficava mais “engraçadinha” na cadeira. A criança não tem o direito nem de escolher onde quer sentar.

4. A REPRESENTAÇÃO DAS MENINAS EM A BOLSA AMARELA

Como foi mencionado, Raquel tinha três vontades, a de crescer, a de escrever e a de ser menino, e essas vontades crescem e diminuem conforme a situação que ela está passando no seu ambiente familiar. Fica evidente que a sua vontade de ser menino é por ela perceber que meninos têm mais liberdade de escolha e mais espaço na nossa sociedade. Não é na questão de ela mudar gênero e sim de querer ter as mesmas vantagens e privilégios que os meninos têm e ela não tem simplesmente por ser menina. Isso fica claro quando o irmão mais velho de Raquel pega uma carta do seu amigo imaginário e eles tem o seguinte diálogo:

- E por que é que você inventou um amigo em vez de uma amiga?
- Porque eu acho muito melhor ser homem do que mulher. Ele me olhou bem sério. De repente riu:
- No duro?
- É, sim. Vocês podem um monte de coisas que a gente não pode. Olha: lá na escola, quando a gente tem que escolher um chefe pras brincadeiras, ele sempre é um garoto. Que nem chefe de família: é sempre o homem também. Se eu quero jogar uma pelada, que é o tipo do jogo que eu gosto, todo mundo faz pouco de mim e diz que é coisa de homem [...]. Você quer saber de uma coisa? Eu acho fogo ter nascido menina. (BOJUNGA, 1993, p. 16-17)

Raquel tem vontade de ser menino para ter os privilégios e a liberdade que eles têm, e isso ocorre devido a opressão que as meninas sofrem, sem direito de escolhas, não podem nem jogar bola. Enquanto os meninos são chefes de todas as brincadeiras e podem brincar de várias coisas. Raquel não gosta de ser menina porque ela se vê com menos liberdade que um menino.

Outra cena no livro que chama a atenção para essa vontade de Raquel é quando a família vai almoçar na casa da Tia Brunilda, que tem um filho de quatorze anos chamado Alberto, "mas há muito tempo que ele já resolveu que não é mais criança e pronto." (BOJUNGA, 1993). Raquel leva sua bolsa amarela para a casa da Tia Brunilda e quando eles estão almoçando, Alberto resolve pegar a bolsa e olhar o que tem dentro, e mesmo ela pedindo para ele parar, pedindo ajuda para a Tia Brunilda, ele não parava e a Tia não dava importância, apenas ria e quando ele conseguiu pegar a bolsa:

“- Ah! ! agora a gente vai ver o que a Raquel guarda aqui dentro.

Eu quis falar. Trancou tudo na garganta. Me lembrei do fecho. Pensei com toda a força pra ver se ele ouvia: "Enguiça!" O Alberto sentou no chão:

- Como é? esse fecho não abre? O pessoal continuava rindo.

Puxa vida, por que é que eu não tinha nascido. Alberto em vez de Raquel?
Pronto! mal acabei de pensar aquilo e a vontade de ter nascido garoto deu uma engordada tão grande[...]" (BOJUNGA, 1993, p. 68) (grifo meu)

É extremamente evidente os privilégios que o Alberto tem, que mesmo sendo uma criança, ainda tem autoridade sobre Raquel, e ela sente isso, sua frustração faz com que sua vontade de ser menino cresça mais e mais. Após isso, todos tentam abrir a bolsa de Raquel e isso faz com que suas vontades se intensifiquem. A forma como Raquel é tratada pela família é triste, não respeitam suas vontades, mesmo ela implorando por ajuda, todos apenas dão risada de seu desespero. São apenas plateia para a cena que estão observando, enquanto Alberto faz o que quer. Essa cena do livro mostra uma realidade social, o sentimento da menina é colocado em questão versus a vontade do menino, que obviamente se sobressai.

Outra cena que merece destaque no livro para a questão de gênero é o galinheiro onde vive o Galo chamado Rei, do romance que Raquel escreveu. Ao aparecer na casa de Raquel o Galo Rei, que depois muda o seu nome para Afonso, se mostra insatisfeito com sua vida e as funções que desempenhava no galinheiro, isso porque, ele que mandava no galinheiro, mas, ele não queria isso, queria que todas as galinhas tivessem escolhas e liberdade, porém:

“[...] elas desatavam a chorar, não queriam mais comer, emagreciam, até morriam. Elas achavam que era melhor ter um dono mandando o dia inteiro: faz isso! faz aquilo! bota um ovo! pega uma minhoca! do que ter que resolver qualquer coisa. Diziam que dá muito trabalho pensar.”
(BOJUNGA, 1993, p. 35)

Esse trecho evidencia a realidade da nossa sociedade, onde homens e mulheres, como os galos e galinhas, já nascem com o seu papel social definido por seu sexo. Mostra bem o homem x mulheres, enquanto os homens tem o poder de mandar, as mulheres obedecem. Podemos observar também, que o galo é nomeado é o Rei, ele que manda no galinheiro, enquanto as galinhas não possuem nome, são referidas

apenas como “as galinhas”, o nome empodera, e é por isso que Afonso não gosta e resolve mudar.

Por fim, podemos ver que o livro *A bolsa Amarela*, é um livro escrito em primeira pessoa, dando voz para Raquel, que é uma menina muito esperta e com uma imaginação brilhante. Colocando em seus personagens, das histórias que escreve, o seu desejo: liberdade, para ser quem ou o que quiser.

A casa dos consertos que Raquel leva a guarda-chuva para consertar, mostra para ela outra forma de pensar e enxergar o mundo, como é sabido, Raquel vê os homens como os dominantes, que mandam em tudo e podem ser o que quiserem, enquanto ela, como menina e criança não pode fazer nada, e ao chegar à casa de conserto ela vê de uma forma diferente, porque nesse lugar não há uma função para cada pessoa, definida pelo sexo. Todos fazem um pouco de cada função, Raquel vê ali, algo que não está acostumada, é a quebra da imagem da família patriarcal:

– Teu avô tá estudando?

– Tá. [...]

– Por quê?

– Porque ele tá sempre estudando. Que nem meu pai e minha mãe.

– Eles também estudam?

– Aqui em casa a gente não vai parar de estudar.

– Toda a vida?

– Tem sempre coisa nova pra aprender.

– E quem é que resolve o que cada um estuda?

– Como é?

– Quem é que resolve as coisas? quem é o chefe?

– Chefe?

– É, o chefe da casa. Quem é? Teu pai ou teu avô?

– Mas pra que que precisa de chefe?” (BOJUNGA, 1993, p. 99)

É a partir daí, que Raquel começa a ver o mundo de outra forma, o jeito que uma

família se organizava poderia ser de diversas maneiras, e não apenas como ela tinha em mente, com o pai no topo, a mãe logo em seguida e os filhos em baixo. E não apenas isso, a protagonista percebe também que pode fazer qualquer coisa, mesmo sendo uma menina e criança:

“Minha vida foi melhorando. Eu já não inventava muita coisa, meu pessoal não ficava tão contra mim. Comecei então a achar que ser menina podia mesmo ser tão legal quanto ser garoto.” (BOJUNGA, 1993, p. 109)

Contudo, a personagem Raquel tem uma nova perspectiva. É uma jornada que ela vive até chegar a esse ponto, de se aceitar como é, de não deixar essas coisas atrapalharem a sua vida. E então ela escreve seus romances e histórias, e brinca da forma que ela quiser, seja soltando pipa ou jogando bola. Raquel fica com a bolsa leve e sente assim também, após libertar-se das suas vontades.

O livro com esse ponto de vista dá voz para as crianças, principalmente meninas, a personagem Raquel narrando sua própria história e descobrindo que pode ser bom ser menina, traz consigo a representação das meninas, na questão da infância e do gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu evidenciar a representação das meninas, com relação à infância e gênero, existente no livro *A Bolsa Amarela* da escritora Lygia Bojunga.

Com isso, busquei demonstrar a importância da leitura na infância com o relato pessoal utilizando o meu histórico de leituras, e a partir disso no seguinte capítulo, teve como base refletir sobre a história social do conceito infância, e também sobre a literatura infantil e a sua desvalorização na nossa sociedade. Portanto, no terceiro e no quarto capítulo teve como objetivo mostrar de forma clara a representação da infância e de gênero existente no livro, visando sempre propor uma análise sobre como as crianças, principalmente as meninas, são tratadas por pessoas adultas, sem esquecer da forma que essas meninas enxergam a sociedade patriarcal e como isso reflete nas mesmas fazendo com que tenham vontade de ser tornarem meninos.

Desta maneira, podemos constatar a importância da literatura infantil que dá voz para a criança se expressar, e que podemos perceber que o passado, em que as crianças eram vistas como mini adultos inexperientes, ainda reflete no presente, pois, as crianças, muitas vezes, ainda são subjugadas, fazendo com que se sintam inferiores aos adultos, é a partir desse tema que a autora aborda que há uma compatibilidade com o leitor, fazendo com que ele se sinta representado.

A elaboração deste trabalho nos mostrou a importância da literatura infanto-juvenil, pois, é a partir dessa literatura que as crianças são inseridas no campo da literatura, e ganham um protagonismo, fazendo com que se sintam representadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HUNT, Peter. **Crítica, Teoria e Literatura Infantil**. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosacnaify, 2010.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BOJUNGA, Lygia. **A bolsa amarela**. 22. ed. Ilustrações de Marie Louise Nery. Rio de Janeiro: Agir, 1993.

CRISTÓFANO, S. **O DISCURSO FEMININO EM A BOLSA AMARELA**. Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura, v. 13, 2 jul. 2013.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

NASCIMENTO, Ingrid Cruz Do. **A desconstrução do sistema patriarcal: uma discussão de gênero em “a bolsa amarela”, de Lygia Bojunga Nunes**. Anais VI ENLIJE... Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/25842>>. Acesso em: 23/03/2023.

REBOUÇAS, Thalita. **Fala Sério, Amiga!** 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

GREEN, John. **A Culpa é Das Estrelas**. Rio de Janeiro: editora Intrínseca, 2012.

FORMAN, Gayle. **Se Eu Ficar**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Moderna, 1999.

GOETHE, J.W. **Os Sofrimentos do Jovem Werther**. São Paulo: Abril, 2010. GOLDMANN, Lucien.